

JUVENTUDES LATINO-AMERICANAS: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, PANDEMIA E CENÁRIOS FUTUROS

*Olivia Cristina PEREZ**

*Daniel Arias VAZQUEZ***

*Melina VÁZQUEZ****

Há no senso comum um certo imaginário de que as juventudes não participam politicamente e sequer têm interesse pela política. Isso não se confirma quando analisamos o protagonismo das juventudes ao longo das mudanças políticas de diversas regiões, tampouco quando olhamos para o cenário político atual (Perez; Vommaro, 2023).

Essas percepções em parte têm relação com o fato de que a participação política por vezes é associada àquela exercida nas arenas parlamentares via partidos políticos. De fato, esse é um espaço feito por e para adultos, mais difícil para a entrada de jovens, assim como das diversidades que compõem a sociedades como mulheres, negros e população LGBTQIA+ (sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e o mais, que serve para abranger a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero).

Mas quando ampliamos o que entendemos por participação política, incluindo mobilizações via redes sociais digitais, protestos e lutas dentro do ambiente escolar, desaparece a percepção de que as juventudes não têm interesse por política.

O presente dossiê parte desse pressuposto de que a participação política das juventudes é grande, diversa e central para a compreensão dos regimes democráticos atuais. Os estudos mostram que embora o interesse geral pela política seja

* UFPI - Universidade Federal do Piauí. Departamento de Ciência Política. Teresina – PI – Brasil. 64049-550. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9441-7517>. Contato: oliviaperez@ufpi.edu.br.

** UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. Departamento de Ciências Sociais. Guarulhos - SP - Brasil. 07252-312. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4467-3392>. Contato: dvazquez@unifesp.br.

*** UBA- Universidad de Buenos Aires y CONICET Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Buenos Aires-Argentina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0564-1398>. Contato: mvazquez@sociales.uba.ar.

baixo entre os jovens brasileiros, há uma maior afinidade por movimentos sociais e ambientais e menos identificação com a política institucional (Vazquez; Pereira, 2020). Então, o assunto abordado no presente volume é a participação política das juventudes em seu conceito mais amplo.

A juventude tem sido objeto de estudo desde o século passado, tendo gerado abordagens conflitantes sobre a definição do que é ser jovem e sobre até qual idade a juventude se estenderia. Entendemos as juventudes como uma categoria social e política, portanto, fruto de uma construção social. Ressaltamos que não a consideramos como blocos homogêneos - daí nos referirmos às juventudes no plural, demarcando assim o quanto elas são distintas entre si. Mais especificamente, clivagens sociais como renda, gênero, raça, sexualidade e região impactam no modo como as juventudes acessam direitos e constroem suas identidades.

Os estudos sobre as juventudes multiplicaram-se especialmente depois do ciclo de protestos na América Latina recente. O marco no Brasil são as Jornadas de Junho de 2013, em que os manifestantes expressaram descontentamentos com o governo e o sistema político, embora estivessem presentes demandas para a ampliação de direitos para mulheres, negros e população LGBTQIA+ (Perez, 2019). No Chile, ainda em 2006 estudantes secundaristas saíram às ruas para exigir a gratuidade do passe escolar e a diminuição do valor da inscrição na Prova de Seleção Universitária (PSU) em protestos que ficaram conhecidos como “Marcha dos Pinguins”. Na Argentina, as mobilizações de 2015 organizadas pelo coletivo NiUnaMenos, formado por jovens ativistas, impulsionou um intenso fluxo de manifestações que levaram à público o grave problema da violência contra a mulher.

A recorrência e a importância desses protestos revelam o protagonismo das juventudes no cenário político contemporâneo na América Latina. Mais recentemente, tem chamado a atenção protestos organizados por segmentos das juventudes que podem ser consideradas conservadoras e/ou de direita no espectro político e ideológico, por se oporem à ampliação de direitos, como à saúde. Por exemplo, vários protestos ao redor do mundo questionaram as medidas de isolamento social e a utilização da vacina contra a Covid-19 (Vázquez *et al.*, 2021).

Muitos trabalhos sobre a participação política das juventudes estão sendo produzidos no Brasil. Mas eles estão espalhados nas diversas áreas em que a juventude é estudada. Ademais, em geral, os estudos sobre as juventudes estão na área da saúde e educação. Como resultado, ainda não há um campo estruturado sobre a reflexão a respeito da participação política das juventudes, especialmente no Brasil.

O campo de reflexão sobre a participação política das juventudes na América Latina vem sendo reunido e estruturado pelo Grupo de Trabalho Infâncias e Juventudes do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso). Reconhecendo a importância dessa rede para o campo, muitos de seus pesquisadores

contribuem com o presente dossiê. Por meio dessa colaboração, foi possível contar com dois trabalhos de pesquisadores argentinos.

Para contribuir com o campo da participação política das juventudes em terras brasileiras, a ideia inicial do presente dossiê era reunir análises sobre o tema. Esperávamos assim que o dossiê fosse um marco nos estudos da participação política, com foco nas diversas formas em que a juventude atuam e reconfiguram as relações de poder. Era então uma proposta inicialmente acadêmica. No entanto, ao final do trabalho percebemos que o dossiê mostra a importância da juventude na construção de uma democracia inclusiva.

Os trabalhos aqui reunidos abordam a participação política sob diferentes perspectivas. Há trabalhos sobre a participação política das juventudes em eleições, protestos e coletivos. Os trabalhos abordam tanto juventudes que se posicionaram à esquerda quanto à direita. Assuntos centrais do cotidiano das juventudes, como a pandemia e as reformas educacionais, também são abordados no presente dossiê. Em suma, os trabalhos mostram as diversas formas de opressões pelas quais passam as juventudes, assim como a potência delas na construção de um regime democrático inclusivo. Em comum, todos os artigos do dossiê têm uma preocupação com o futuro da democracia e uma aposta na juventude como atores centrais na construção de caminhos mais inclusivos.

Passando para a abordagem detalhada de cada trabalho, Olivia Cristina Perez no trabalho “A Importância das Diversidades nas Análises sobre Juventudes e Participação Política” reúne dados de pesquisas documentais e empíricas para mostrar que as juventudes não formam um bloco homogêneo; ao contrário, são marcadas por variações significativas em termos de raça, gênero, classe social, orientação sexual e outras clivagens sociais. Perez argumenta que essas diversidades são essenciais para entender como os jovens se engajam na política, seja através de protestos, eleições ou participação em coletivos. Ela destaca que a inclusão dessas diversas vozes nas decisões coletivas não só enriquece o processo democrático, mas também é vital para a construção de uma democracia mais substantiva e inclusiva.

Com foco em uma das formas de participação políticas das juventudes, os protestos, Marcos Aurélio Freire da Silva Júnior, Joana Tereza Vaz de Moura e Pedro Henrique Correia do Nascimento de Oliveira analisam no artigo “Juventudes, protestos e ação coletiva: uma Análise dos Eventos de Protestos recentes no Brasil” as mobilizações e protestos realizados pelas juventudes brasileiras entre janeiro de 2022 e janeiro de 2024, utilizando a metodologia de Análise de Evento de Protesto (AEP). O estudo revela que a maioria dos protestos ocorreu na região sudeste e estava centrada em questões de educação, com o Estado sendo o principal alvo das reivindicações. Além disso, observa-se que, além das táticas tradicionais como marchas e bloqueios de vias, as juventudes têm utilizado novas formas de protesto, muitas vezes sem a mediação de outras organizações.

Passando para as disputas políticas na escola, no artigo “Sociologia e Projeto de Vida como Expressões de Contradições: Disputas sobre os Currículos, Concepções de Escola e Juventudes”, de Rodolfo Soares Moimaz e André da Rocha Santos explora as contradições presentes na inclusão das disciplinas de Sociologia e Projeto de Vida no Currículo Paulista do Ensino Médio. Eles argumentam que essas disciplinas refletem disputas entre diferentes modelos de educação e escola, sendo a Sociologia historicamente ligada às mobilizações democráticas e o Projeto de Vida como um componente essencial nas reformas neoliberais, influenciadas por instituições privadas.

A escolaridade, assim como vários aspectos da vida das juventudes, foi afetada pela pandemia. O assunto é explorado no trabalho “Ainda há esperança? As expectativas futuras dos jovens de Guarulhos-SP no auge da pandemia de Covid-19”, escrito por Daniel Arias Vazquez, Heber Silveira Rocha, Lígia Gonçalves Dall’Occo e Alexandre Barbosa Pereira. Nele os autores analisam as expectativas dos jovens de Guarulhos quanto ao fim da pandemia de Covid-19. Com base em um *survey* aplicado a 843 jovens, o estudo revela que apenas 20% estavam otimistas em relação ao futuro do Brasil pós-pandemia. O pessimismo foi mais pronunciado entre jovens maiores de 18 anos, com renda familiar superior a três salários-mínimos e que apresentaram piora no estado emocional. A prática religiosa foi identificada como o único fator que manteve uma minoria otimista durante a crise sanitária.

Os anos recentes foram marcados também pela projeção das direitas entre as juventudes, tanto no Brasil quanto em outras regiões. Dois trabalhos argentinos exploram o tema. No artigo “*Radicalización y Fusionismo en el Activismo Juvenil de las Derechas Argentinas tras 2001: Actualidad de una Historia*”, Matías Grinchpun, Sergio Morresi, Ezequiel Saferstein e Martín Vicente exploram as diversas formas de ativismo juvenil de direita na Argentina. O estudo faz uma análise histórica do ativismo juvenil de direita no século XX, destacando duas principais correntes: a liberal-conservadora e a nacionalista-reacionária. Os autores argumentam que, após 2001, houve uma transformação significativa na política argentina, permitindo o surgimento de uma nova expressão direitista radical que criticava o sistema político vigente.

Em diálogo com o texto anterior, Pablo Vommaro analisa as reações e debates gerados pela eleição de Javier Milei como presidente da Argentina em 2023 no trabalho “*Expresiones políticas de los malestares juveniles: acercamientos exploratorios a la situación de la Argentina en los últimos años*”. Vommaro argumenta que a pandemia e a crise econômica pós-pandemia exacerbaram o descontentamento juvenil, levando-os a apoiar figuras políticas como Milei. Ele conclui que as novas direitas têm se apropriado do discurso de mudança, e que é crucial entender e intervir nas disputas culturais e políticas que envolvem essas questões na Argentina e na região.

A direita também é tema do trabalho de Elisa Guaraná de Castro intitulado “Representação Política das Juventudes no Brasil: Jovens Candidatos/as e Eleitos/as para a Câmara dos Deputados 2014-2022”. Castro analisa o perfil e as trajetórias de jovens candidatos e eleitos para a Câmara dos Deputados no Brasil entre 2014 e 2022. O estudo evidencia a baixa representação juvenil no Congresso, com menos de 4% dos deputados federais tendo menos de 29 anos. Apesar dessa sub-representação, os jovens parlamentares eleitos muitas vezes são campeões de votação, e há uma diversidade crescente entre as candidaturas. O artigo também discute as tensões entre novas e antigas formas de participação política, destacando como as juventudes combinam processos tradicionais com novas identidades e práticas políticas.

Em comum, a preocupação com a manutenção e o aprofundamento das democracias perpassa todos os trabalhos. Mas o assunto é mais detalhado no artigo “Juventude e adesão à democracia no Sul de Minas Gerais”, de Marcelo Rodrigues Conceição, Luís Antonio Groppo e Odair Sass. Nele, os autores exploram como os jovens do Sul de Minas Gerais demonstram adesão à democracia em comparação com outras faixas etárias. A pesquisa sugere que, embora os jovens dessa região possam ter maior inclinação a apoiar a democracia, há uma profunda desconfiança nas instituições tradicionais, como partidos políticos e eleições. A análise destaca que a desconfiança nas instituições mais tradicionais da democracia é grande, e a falta de compreensão sobre a diferença entre política e governo parece deixar de fora maiores possibilidades de aproximação com os governantes.

Encerrando o dossiê e mostrando a vinculação da juventude com a democracia via participação política, temos a alegria de contar com uma entrevista de Maria da Glória Gohn em que ela aborda sua trajetória pioneira com pesquisas sociológicas sobre juventude no Brasil. Ela destaca que a juventude é uma construção social, influenciada por fatores históricos e culturais. Gohn discute a participação dos jovens em movimentos sociais e as mudanças nas políticas públicas voltadas para a juventude, sublinhando a relevância da autonomia juvenil e da participação ativa na sociedade. A pandemia e a reforma do ensino médio são citadas como fatores que impactaram significativamente os jovens, revelando desigualdades e desafios educacionais. Gohn conclui que a juventude tem um papel crucial na construção de um sistema democrático, mas alerta para a necessidade de novas abordagens e instrumentos para lidar com os desafios contemporâneos.

O presente dossiê tem justamente a intenção de apresentar novas abordagens e instrumentos para lidar com os desafios contemporâneos, especialmente com a ameaça da ultradireita em relação ao sistema democrático. Apostamos aqui na atuação política das juventudes, pois elas são capazes de construir ideias e caminhos mais promissores para um sistema que seja de fato inclusivo e capaz de reduzir as desigualdades sociais.

Convidamos pesquisadores de todas as áreas, especialmente aqueles que se interessam pela participação política das juventudes, para ler e difundir os excelentes trabalhos reunidos no presente volume.

REFERÊNCIAS

- PEREZ, O. C. Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. **Opinião Pública**, n. 25, p. 577–596, 2019.
- PEREZ, O. C.; VOMMARO, P. Juventudes latino-americanas: desafios e potencialidades no contexto da pandemia. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, 23, e43706, 2023.
- VAZQUEZ, D. A.; PEREIRA, A. B. A formação de opinião política entre estudantes do ensino médio de Guarulhos-SP. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 925-944, 2020.
- VÁZQUEZ, M. *et al.* Acciones colectivas durante la pandemia. Informe GT Infancias e Juventudes – **Clacso**, 2021.

Submetido em: 25/11/2024

Aprovado em: 27/11/2024